

Frejat na Planalto D.F

“O Governo do Distrito Federal não está fazendo milagre na área de saúde, mas está quase - afirmou ontem o Secretário de Saúde, Jofran Frejat, durante a mesa-redonda promovida pela Rádio Planalto, um programa de debates com a comunidade. Segundo o Secretário, que ficou à disposição do público por mais de uma hora, o Distrito Federal tem hoje um atendimento modelo na área de saúde que, embora ainda apresente imperfeições, é o melhor do País.

Afirmou o Secretário que o que levou o GDF a reestruturar todo um plano de saúde para a capital do País foi um amplo diagnóstico da situação que, em 1978, já se apresentava insustentável. “Todo mundo se lembra das filas enormes que sobrecarregavam os hospitais onde até mesmo crianças, ficavam desde as oito horas da noite para conseguir marcar uma consulta no dia seguinte e só serem atendidas dentro de dois a três meses. Nessa época 76% do atendimento em Brasília era feito dentro do serviço de emergência e, por isso, além de termos uma enorme demanda reprimida, as pessoas que conseguiam ser recebidas ainda não eram bem atendidas”.

Todo esse quadro, segundo Frejat, não era privilégio do Distrito Federal, mas de todo o Brasil que, anos antes, tinha optado por um sistema de saúde de pronto-atendimento. “As pessoas iam para os hospitais para serem atendidas através do Pronto-Socorro o que além de não resolver o problema, pois o atendimento é apenas emergencial, ainda o agravava le-

vando o doente, depois de alguns meses, a retornar ao hospital com alguma doença mais grave”.

A opção do Distrito Federal foi então a de descentralizar o atendimento, estando esse voltado para a área primária de saúde. Quarenta Centros de Saúde foram construídos na área urbana, 12 postos na área rural e praticamente todos os hospitais receberam reformas. Como resultado, os Pronto-Socorros foram descongestionados e hoje o atendimento primário nos centros de saúde chega a ser de cinco mil pessoas diariamente.

“É claro que temos problemas - afirma Frejat. Não é fácil vencer a resistência da população e do próprio médico pois o novo atendimento implica numa mudança de mentalidade. Mas os resultados já são satisfatórios e nossas estatísticas provam isso. Em 1978 a mortalidade no Distrito Federal era de 52 crianças em cada mil nascidas vivas. No ano passado, esse índice caiu para 28,9 crianças em cada mil o que é, inclusive, menor do que o preconizado pela Organização Mundial de Saúde para o ano 2.000 nos países sul-americanos”.

Entre as queixas da população ao Secretário de Saúde, as mais comuns dizem respeito à demora na marcação de consultas nos Centros de Saúde. Sobre isso Jofran Frejat diz que é até natural. “Só os casos realmente graves têm um atendimento imediato, e a gravidade da situação é determinada pelo médico. Para os casos menos graves são marcadas consultas e aí a pessoa tem que entender.